



**O DIA A DIA DO PROFESSOR COMPETENTE EM AULA
(Desempenho escolar focado no desenvolvimento de competências)
Prof. Vasco P. Moretto**

O tema do desempenho escolar é ainda debatido como um dos problemas difíceis a serem resolvidos no dia a dia do professor. As mudanças propostas pelos atores do campo da Educação evoluem, embora lentamente, no campo teórico. Com alguma frequência aparecem novas teorias, novas experiências, novos discursos. A prática escolar, no entanto, parece ter pouco reflexo desta mudança teórica. O desempenho escolar ainda está fundamentalmente baseado na capacidade do educando de transferir informações. O aluno decora informações e faz exercícios sobre a aplicação das mesmas. Nas avaliações, é cobrada a utilização das mesmas informações em questões que se assemelham às feitas nos exercícios. A ele, cabe transferir do “modelo” aprendido para a questão proposta. Alunos até pensam: “Esta questão é igual à questão 12 da lista de exercícios que fiz”. E tenta “transferir” o modelo aprendido para a nova situação.

Ora, pensará alguém, não é isso mesmo que se quer do aluno? Quanto mais exercícios ele fizer, maior será a chance de se sair bem nas provas, exames, concursos, etc. Por que criticar, então, esse modelo de ensino? À medida que o aluno apresentar um desempenho cada vez maior (com notas excelentes nas provas!), poderemos dizer que ele se torna mais competente, ou apenas mais e mais habilidoso? E o que tem a ver o desenvolvimento de habilidades com o desenvolvimento de competências?

A expressão “o novo paradigma é a educação por habilidades e competências” tem causado, a meu ver, alguma confusão entre os dois conceitos. Outra confusão vem da expressão “avaliação por competências”. Avalia-se a *competência* que o sujeito desenvolveu para resolver situações complexas/problemas. Um sujeito desenvolve competência à medida que adquire recursos que serão mobilizados na solução de situações novas.

A questão fundamental é construir um modelo que englobe os principais recursos que toda situação nova exige para sua solução. Por exemplo, para que alguém possa dizer que é competente para dirigir o carro de Fórmula I em uma competição, diremos que ele precisa dos seguintes recursos: a) Dominar conteúdos conceituais (forças de atrito, velocidade de escape, aceleração, características de motores, etc.); b) Não basta “conhecer” todos os conteúdos, é preciso ter as *habilidades* de usá-los da forma correta e na hora certa; c) dominar a *linguagem* própria do mundo dos motores e dos carros de Fórmula I; d) *administrar o emocional* é um recurso fundamental para que um piloto seja considerado competente, pois precisa, ao longo da prova, ter concentração e equilíbrio em suas atitudes, pois decisões deverão ser tomadas em curtíssimo espaço de tempo, sob forte pressão emocional. Desenvolver competência de piloto de Fórmula I é, pois, desenvolver ao mesmo tempo todos esses recursos, pois eles serão exigidos em situações muitas vezes inesperadas.

O modelo apresentado no parágrafo anterior pode ser aplicado para o desenvolvimento de competência de jogador de futebol, professor, artista, cientista, etc. Repetimos a ideia central: competência para resolver situações complexas não se



alcança, desenvolve-se à medida que se desenvolvem recursos para isso. É o tema de nossa reflexão!

O desenvolvimento de competências

Uma das grandes críticas à escola dita tradicional era o foco no ensino: um ensino enciclopédico, com base na transmissão de informações, tendo por objetivo preparar alunos para provas e/ou exames vestibulares, uma vez que estes enfatizavam, sistematicamente, a memorização de conteúdos e nem sempre a aprendizagem significativa de conteúdos relevantes.

No modelo proposto da construção interativa do conhecimento em busca do desenvolvimento de competências, é dado um novo sentido tanto para o processo da aprendizagem como para o do ensino. Ou seja, o produto que se busca é o desenvolvimento de competências do educando.

Para melhor compreensão, tomamos como base o seguinte conceito para competência: **“Competência é capacidade de um sujeito mobilizar recursos visando administrar e resolver situações complexas”**. Analisemos os componentes deste conceito. Situações complexas, também chamadas situações problemas, são aquelas que se apresentam ou no dia a dia dos alunos, ou nos conteúdos escolares ou na vida profissional. Como exemplo, são situações complexas para alunos em seus conteúdos escolares: “Elaboração de uma redação sobre determinado tema”, “Resolução de problemas envolvendo as Leis de Newton na Física”, “Estudo da Revolução Francesa e suas consequências econômicas e sociais para a Europa”, “Estudo das funções de primeiro e segundo grau”, etc. Para um professor, são situações complexas: “O planejamento de suas atividades pedagógicas”, “O ministrar as aulas” e “A avaliação da aprendizagem de seus alunos”.

Quando dizemos que a “Competência é a capacidade de mobilizar recursos”, precisamos explicitar que recursos são estes. O primeiro deles são os **conteúdos conceituais**. Dominar conceitos é a primeira condição para a competência na solução de qualquer situação. Nesse aspecto, é preciso compreender a crítica que se fazia à escola dita tradicional: era uma escola conteudista. Entendia-se como conteudista a escola que transmitia grande quantidade de conteúdos das várias disciplinas, que eram decorados pelos alunos e nem sempre compreendidos. Nesse caso, os alunos interiorizavam e nem sempre se apropriavam dos conteúdos conceituais propostos: eles eram fortemente estimulados a aplicá-los em listas de exercícios, em questionários, em resolução de problemas.

Um segundo recurso que compõe a competência é a **habilidade**. Entendemos habilidade como o saber fazer. Desenvolver uma habilidade não significa necessariamente desenvolver competência. Por exemplo, um professor programa para uma aula o processo de solução de equações de primeiro grau. Ele explica como se faz, apresenta dois exemplos e solicita aos alunos que resolvam vinte problemas de uma lista. Ao final, elabora uma prova com cinco problemas da lista. Ele observa que a maioria dos alunos alcançou nota superior a 7,0 sobre 10,0. Será que ele pode dizer que os alunos desenvolveram competência para a solução de equações de primeiro grau? Ou será que ele está avaliando apenas se desenvolveram a habilidade de resolver? Neste exemplo, queremos distinguir os conceitos de competência e de habilidade. O aluno desenvolve habilidade se souber fazer. Ele desenvolve competência se, além de fazer, ele sabe o que está fazendo (domina os conteúdos



conceituais relativas à situação), e faz cada vez melhor e com perfeita compreensão do que está fazendo.

Outros recursos podem ser associados ao conceito de competência. Entre eles: o domínio da **linguagem** adequada na compreensão e solução de uma situação complexa. Assim, quando dizemos que um professor é competente para avaliar a aprendizagem, estamos afirmando que ele domina os conceitos relevantes de sua disciplina, que tem habilidade para elaborar instrumentos adequados e que sua linguagem é clara e precisa. Veja exemplos de questões elaboradas que demonstram falta de competência do professor, no item linguagem, na situação complexa de avaliação da aprendizagem por meio de provas escritas: “Cite todas as capitâneas hereditárias e seus respectivos donatários”, “Comente a frase de Sócrates: conhece-te a ti mesmo”, “Discorra sobre os principais direitos da criança e do adolescente propostos no ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente)”, “Dê sua opinião sobre o casamento de pessoas de mesmo sexo”.

Analisando questões desse tipo, podemos afirmar que a linguagem pode até ser clara, mas não é precisa. O aluno não saberá, necessariamente, o que o professor espera como resposta. Procurará responder com base no seguinte pensamento: “O que será que o professor quer como resposta?” ou “O que foi dito em aula?”. Ainda para este tipo de questão, podemos questionar sobre sua relevância para a formação do aluno. Podemos ainda verificar que há questões sem parâmetros para correção. Tudo isso está associado ao problema do uso inadequado da linguagem. Por isso, afirmamos que o domínio da linguagem é um dos recursos indicadores da competência do professor na situação complexa de avaliar a aprendizagem.

Em síntese, quando afirmamos como um dos princípios para a escola atual pode ser “**A escola promove a construção interativa do conhecimento, em busca do desenvolvimento de competências**”, estamos indicando o sentido que queremos dar às mudanças na educação em contexto escolar. Mudanças que exigem novas posturas de gestão dos educadores e educandos, novas metodologias no processo do ensino e o uso de novos instrumentos facilitadores nos processos de aprendizagem.

Uma nova escola com visão de futuro

As reflexões que fizemos até agora nos permitem concluir que há uma escola hoje que propõe às novas gerações conhecimentos socialmente construídos que fazem parte de sua história e de sua evolução. Essa mesma escola hoje se propõe a preparar uma nova geração de cidadãos que viverão num contexto em grande parte ainda desconhecido. Crianças que estão aprendendo a conhecer seu mundo hoje estarão no mercado de trabalho dentro de dez ou vinte anos. De que profissionais este mercado necessitará? Quais serão as exigências das novas profissões? Que competências deverá ter desenvolvido o novo cidadão, tanto no campo profissional quanto no social? São questões relevantes para educadores e gestores de políticas educacionais. Uma coisa é clara: há necessidade de mudança nos rumos da educação escolar atual.

Como sinalizamos em nossa reflexão, a escola precisa organizar-se para, primeiramente, ajudar a formar cidadãos eticamente conscientes de sua responsabilidade social. Ao mesmo tempo, a escola tem a função de ajudar a formar o sujeito profissionalmente competente. Para isso, os educadores no contexto escolar precisam ser competentes para criar as melhores condições de aprendizagem do aluno e competentes para utilizar os melhores instrumentos que avaliem se esta



aprendizagem foi realmente significativa. Por isso, concordamos que deve haver uma constante preocupação dos educadores de mudar buscando novas teorias educacionais e novas metodologias de ensino. Essas mudanças devem sempre ter o foco na dupla missão da escola, conservadora e transformadora.